

ZERO

S E M A N A L

Jornal Laboratório - UFSC/CCE/COM - 17 a 24 de outubro de 1990



Jornalistas inventam uma forma
de colocar no ar a notícia
mais censurada dos últimos tempos

OPERAÇÃO PAPAGAIO DE PIRATA

Página 3

Adaptação das ilustrações
do genial Oswaldo Stormi,
para o livro A Ilha do Tesouro,
da Melhoramentos.

POR UM PEDAÇO DE LAMA

A história real e cruel
da primeira invasão urbana
dos sem-teto catarinenses

Página central

O que fazer para publicar suas matérias

Para manter-se semanal o *Zero* precisa ter uma estrutura mínima que lhe dê suporte editorial. Por isso, os alunos da disciplina *Edição II* foram convocados e terão suas atuações como editores do *Zero* avaliadas como parte do conceito final do semestre. Assim, quem quiser oferecer pauta ou matéria pode procurar diretamente os editores das várias seções ou continuar entregando para o supervisor do *Lab-Graf*. Os editores são: **geral** (páginas 3 e centrais) Rosane Porto e Cláudio Toldo; **UFSC** (página 2) Ozias Deodato Jr.; **gente e roteiro** (página 6) Gisele Dias e Christiane Balbys; **cultura** (página 7) Raquel Eltermann e **última página** Viviane Nuñez Sommer.

Todas as semanas outros alunos podem participar do fechamento, seja como repórteres, como editores assistentes (os desta semana foram Ivaldo Brasil Jr., Pedro Saraiva e Ana Cláudia Menezes) ou como diagramadores (Ivan Rau e Nilva Bianco nesta edição). Apareçam, sexta-feira sempre tem serviço.

ZERO



Melhor
Peça Gráfica
I, II e III Set
Universitário
Maio 88
Setembro 89
Setembro 90

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Editado sob a responsabilidade do Laboratório de Jornalismo Gráfico.

Supervisão: Jornalista Prof. Cesar Valente (Reg. 706/SC)

Colaboração: Jornalistas Professores Ricardo Barreto, Luiz A. Scotto de Almeida e Gilka Girardello.

Redação: CCE/COM/UFSC, Campus da Trindade, 88035 - Florianópolis - SC - Brasil. Fone (0482) 31-9215 e 31-9490. Fax (0482) 33-4069.

Jornalismo da UFSC ganha mais dois prêmios

Cristina N. Gallo

"Novos talentos estão nascendo" e foram apresentados no 3º SET Universitário - Festival de Laboratórios de Comunicação da Região Sul, na PUC de Porto Alegre, entre os dias 25 e 28 de setembro. Foram 463 trabalhos inscritos nas categorias de vídeo, áudio, texto e peça gráfica. Segundo Nilva Bianco, aluna da UFSC, os trabalhos deixaram bastante a desejar e o festival foi mal organizado, talvez em consequência da greve da PUC que já dura mais de 50 dias.

Dezoito trabalhos foram premiados, sendo 16 do RS e dois de Santa Catarina. O Paraná, que participou pela primeira vez não levou nenhum. Fomos premiados em Vídeo-jornalismo e documentário com "João e Maria", de Arley Machado e tri-campeões em peça gráfica com o *Zero*: Janeiro 90 - Balanço da Década de 80".

PREMIAÇÕES - Vídeo Publicitário: "Família", de Tales Bahú - Famecos; Vídeo Experimental: "Epilético" Felipe Garcia Vieira - PUC; Foto Experimental: "the Raven" de Édson Luís Gastaldo - Fabico/UFRGS; Foto Futurismo: "Santiago", de Ricardo Barcelos - PUC; Foto Jornalismo: "Marionética - Dança" de Eduardo Rangel Monteiro - Unisinos; Foto Publicitária: "Dachstein III" de Ricardo Barcello - PUC; Áudio Experimental: "Evolução da Música no Cinema", de Carlos Roberto Barbieri - Fabico/UFRS; Áudio Jornalismo: "A Era do Som", de Lauro Bons Santos - Famecos; Spot: "O Assalto", de Alexandre Lucas da Costa - Famecos; Jingle: "Calças Lee", de Flávio Luís Albuquerque - Famecos; Peça Gráfica Publicitária: "A Kodak Ajuda Você Saber Disso" de Cláudio Pletsch - Famecos; Campanha Publicitária: "Primeira Mostra de Clássicos do Cinema", de Daniela Ferreira - Famecos; Reportagem: "Ilhas - Os Segredos do Guaíba", de Regina Diehl - Famecos; Crônica: "TV Ainda a Melhor Diversão", de Carolina Bahia - Famecos; Fera da Sala de Aula com o Vídeo: "Amnésia", de Daniel Moreira - Unisinos.

Os trabalhos serão apresentados ao público nas próximas semanas pela TVE e RBS TV do Rio Grande de Sul e Prefeitura de Porto Alegre. Infelizmente, Santa Catarina e Paraná não poderão assistir às produções premiadas.

Chapa que propõe a redecoração do C.A. é a "novidade" no Jornalismo

Desmotivação estudantil

Luciana Carvalho

O Centro Acadêmico Livre de Jornalismo (C.A.L.S.) estaria realizando nos dias 17 e 18 de outubro as eleições para a sua nova diretoria. Mas modificações de última hora obrigaram o adiamento para uma data ainda não marcada. É que a única chapa inscrita, a "Em Branco" recebeu novos concorrentes no último minuto, fazendo com que todo o processo inicialmente previsto tivesse que ser modificado.

A votação será realizada durante dois dias para que haja uma maior participação dos estudantes, pois segundo José Ricardo Jacques, candidato a presidente, do C.A. L.J. pela "Em Branco", "o movimento estudantil está num processo de desânimo" causando um esvaziamento dos centros acadêmicos. No caso do Curso de Jornalismo isto é comum e José Ricardo afirma que é preciso dar uma "injeção política" no curso.

A chapa "Em Branco", conforme declara o candidato, está lançando umas propostas "meio porra-loucas". As propostas são as seguintes: redecoração do C.A., festas, informativo e noticiário de rádio interno

quinzenal, participação em encontros estudantis e realização do III Set Interno, do concurso Garota Caloura 91 e do calouro otário do mês.

Alguns CA's já realizaram eleições neste ano como o de Engenharia Elétrica, Farmácia e Odontologia. No C.A. de Odontologia a eleição foi nos dias 29 e 30 de agosto onde a chapa "Rebulição", única concorrente, foi eleita. A nova diretoria, constituída por 15 pessoas, tomou posse no dia 27 de setembro.

Outros centros acadêmicos vão realizar suas eleições como o de Matemática, nos dias 10 e 11 de outubro, Engenharia Sanitária, em 30 de outubro e da Medicina e Química em novembro.

Também em novembro deve acontecer a eleição para o Diretório Central dos Estudantes. O DCE convocou para o dia 17 uma reunião do CEB (Conselho de Entidades de Base) visando a discussão das eleições e formação de chapas. O coordenador geral do DCE, Horácio Joaquim Perez, vai propor na reunião que os próximos CA's a realizarem eleições façam-nas junto com a do Diretório Central, para que haja uma participação maior dos estudantes.

Abstenção de 42% na APUFSC

Márcia Dutra

A nova diretoria da Apufsc, eleita no dia 10, tomou posse ontem à tarde. A única chapa que concorreu foi a "Com-Posição", formada por integrantes da ex-diretoria. A chapa única recebeu 681 votos dos 776 professores associados que votaram. Ao contrário das últimas eleições para os governos dos estados brasileiros, o número de votos brancos (49) e nulos (46) não foi grande, o que foi expressivo foi o número de abstenções. Dos 1619 professores sócios da Apufsc (dos quais aproximadamente 150 estão afastados para pós-graduação), cerca de 624 professores não votaram. Segundo o professor Raul Valentim da Silva, presidente da Comissão Eleitoral, "a desmobilização e acomodação dos professores" foram, as causas de tantas abstenções. Ele acredita que os professores acharam "desnecessário votar devido ao fato de somente uma chapa concorrer".

Mesmo com quase 50% de ausência dos professores na eleição, o novo presidente, Marco Da Ros, professor do Centro de Ciências da Saúde, acredita que a chapa eleita "tem peso acadêmico e está bastante afinada com a maioria do movimento docente em todo o Brasil". Para o novo presidente os votos nulos e brancos "refletem que temos professores que discordam de nossa política, mas são poucos, como mostram os números". O grande número de abstenções também foi considerado pelo novo presidente como comodismo dos professores associados.

A nova diretoria assume com vários compromissos de "campanha" a cumprir. O maior número de propostas apresentadas

no boletim de campanha é com relação ao futuro da própria entidade. A nova diretoria promete ampliar o patrimônio administrativo da Apufsc, profissionalizar os funcionários que trabalham na entidade e principalmente redimensionar e ampliar os espaços da sede atual, através de captação de recursos extra-orçamentários.

A chapa vencedora também apresenta propostas como a transformação da Apufsc em Seção Sindical da Andes, Sindicato Nacional, para que a entidade possa agir com prerrogativas sindicais plenas.

HU PASSA MAL

A matéria sobre a situação do Hospital Universitário, publicada na edição da semana passada à página 2 recebeu, do médico residente Eliézer Silva, em nome da Comissão de Greve daquela categoria, alguns reparos. Ele afirma que não disse a frase "nós somos escravos mal pagos".

O médico também localiza duas informações incorretas na matéria: "não foi afirmado que não tínhamos direito à alimentação" e o salário dos residentes, que não é do Cr\$ 37 mil como foi publicado, mas de Cr\$ 33 mil.

FOTOJORNALISMO

Na última página da edição da semana passada, por um erro de revisão, foi dado crédito a Olívio Lamas em uma foto de Lauro Maeda.

Uma operação de "guerrilha"
enfrenta com criatividade e
bom humor a intransigência

Sindicato dos Jornalistas

Jornalistas lutam para poder informar que ganham muito pouco

Os jornalistas de Santa Catarina descobriram, nas eleições de 3 de outubro, uma face até então desconhecida da "democracia" dos meios de comunicação. A Rede Brasil Sul-RBS, principal empresa do setor no Estado usou polícia particular para impedir a veiculação de uma notícia escrita e censurada pelos donos da imprensa: "Jornalistas ganham salário de Cr\$ 23 mil".

A força para militar da RBS, recrutada entre lutadores de academias de artes marciais e PMs inativos, porém, não conseguiu evitar sete inserções na TV, uma em rede nacional pela Globo. Quando um repórter entrava com boletim ao vivo sobre a eleição, aparecia atrás dele um cartaz com palavras de ordem dos jornalistas. Foi a primeira vez no Brasil que os trabalhadores da comunicação realizaram esta forma de protesto.

A idéia da "operação papagaio de pirata", como também ficou conhecida, nasceu na assembléia da noite anterior, quando os jornalistas decidiram entrar em estado de greve para cobrar a reposição de 175%, assegurada pelo Tribunal Regional do Trabalho, no julgamento do dissídio, em 3 de setembro; e uma dívida de Cr\$ 122 mil decorrente desta decisão até a suspensão de seus efeitos, pelo TST, no dia 25 de setembro.

A primeira tentativa de "emplacar" o

protesto eletrônico ocorreu por volta das 7h30min, quando os primeiros eleitores saíram às ruas para votar. O repórter Walter Souza, 12 anos de RBS-TV, entraria ao vivo no "Bom Dia Santa Catarina" para falar do movimento de eleitores no Terminal Urbano Cidade de Florianópolis. Um grupo de jornalistas enfeitaria o cenário cinzento do terminal com faixas e cartazes, na hora do boletim, que acabou cancelado "por problemas de antena". A equipe de TV saiu em ziguezague pela cidade, para driblar os manifestantes e cumprir a pauta a qualquer custo. Foi parar em Ratoles, sem aparecer no "Bom Dia", que terminou em alvoroço que reuniu a direção da empresa, às pressas, no Morro da Cruz.

Depois de vários boletins cancelados, Walter Souza voltou à cena, ao meio-dia, na sede do Tribunal Regional Eleitoral. Convicto de que estava protegido pela inexpugnável fortaleza da Justiça Eleitoral, contou em meio a gargalhadas as peripécias dos colegas de profissão que, "de forma muito organizada", lhe haviam proporcionado uma "folga" em dia tão agitado para a imprensa. Só franziu o cenho para dizer que os "jornalistas estão atrapalhando o trabalho de um jornalista".

Quando "emplacou" uma entrevista ao vivo com o corregedor eleitoral Napoleão Amarante, às 12h50min, no Jornal do Al-



A operação "papagaio de pirata" na Oktoberfest

moço, o sorridente repórter empalideceu. Atônito, ao perceber no monitor de vídeo que por detrás de sua própria cabeça alguém erguia um cartaz com os dizeres "RBS — Rede de Baixos Salários". Mal terminou o boletim, ele descambou para uma reação preconceituosa: "Tinha que ser nego! Tinha que ser nego! Tinha que ser nego!", esbravejou, para espanto até do corregedor. O cartaz, legível para os telespectadores, encerrou a Rede Regional de Notícias.

À tarde, o diretor responsável pelo Departamento de Telejornalismo da RBS, Claiton Selistre, pediu "proteção" à PM, conforme registro do COPOM. A empresa ainda armou um escudo de alterofilistas, comandados por um ex-policia gaúcho de codinome "Dinho" — informa o Sindicato —, ao redor dos repórteres descolados para as duas centrais de apuração do TRE, os ginásios da UFSC e o da Astel. Os agentes da RBS, usando credenciais de operadores de VT e um deles com o crachá do coordenador geral de Telejornalismo, Anselmo Prada, agrediram jornalistas aos empurrões e rasgaram cartazes. Foram ajudados por operadores das concorrentes, quando o protesto já freqüentava todas as telinhas.

A Justiça Eleitoral, que se curvou à programação da Globo, ao esperar que a emissora liberasse canal para a RBS e só então abrir a primeira urna da Capital, também permitiu a atuação da polícia

particular em concorrência com a PM e a Polícia Civil. O juiz da 1ª Junta Apuradora, Fernando de Carvalho, cassou as credenciais de dois repórteres-diretores do Sindicato e os expulsou do ginásio 3 da UFSC, depois de ordenar à polícia que revistassem um deles, repórter do Jornal O Estado, o mesmo que fora insultado por Walter Souza.

O Sindicato dos Jornalistas, que ainda enfrentou a truculência da RBS no dia seguinte, em frente ao Diário Catarinense, e no sábado, dia 6, no "Jornal do Almoço Especial" em Blumenau, registrou queixa contra esses abusos no 1º Distrito Policial de Florianópolis e junto ao TRE. Para o presidente do Sindicato, Celso Vizenzi, a repressão e a censura praticadas pelos donos dos meios de comunicação "desmascaram completamente a falácia da liberdade de expressão, de imprensa. Aparece só a verdade deles".

Os empresários se assustaram com o protesto eletrônico, mas continuam descumprindo o acordo coletivo, com as benções do TST, diz o Sindicato. E eles têm aliados entre os próprios jornalistas, — garante Vizenzi, — "Alguns com nível profissional tão baixo, que seriam capazes de tudo para aparecer na telinha". Repórteres que reagiam com uma expressão patética às manifestações da categoria, no dia 3 de outubro: "Estragaram a minha matéria".



Dois dos "seguranças", com credenciais falsas

Cláudio Silva da Silva

POR UM PEDAÇO DE LAMA

Geraldo Hofmann

Eram duas horas da manhã e fazia um frio de bater o queixo. Para ronda montada da Polícia Militar, que acabava de cruzar o terreno baldio, estava tudo em ordem. A poucos metros do rastro da cavalaria, lideranças do Movimento Sem-Teto serviam de baliza para demarcar os lotes, que estavam sendo sorteados ao redor de uma fogueira, num beco próximo dali. Assim que eram sorteados, os sem-teto recebiam uma senha, um número escrito em verde num pedacinho de cartolina, que servia de passaporte para cruzar a fronteira entre o sonho de ter o próprio teto e a realidade.

Até o dia 29 de julho de 1990, a maioria dos habitantes de Florianópolis só conhecia os acampamentos de Sem-Terra através da imprensa ou dos barracos de lona que, de vez em quando, aparecem nas escadarias da Catedral ou em frente ao Palácio do Governo. Na madrugada daquele domingo, uma centena de famílias sem-teto, sem-teto e sem-medo ocuparam um terreno da COHAB-Companhia Estadual de Habitação, às margens da BR-282 (Via Expressa), na entrada da cidade. Foi a primeira vez que um grupo de famílias se juntou para ocupar terras urbanas em Santa Catarina. As outras ocupações da Capital aconteceram desordenadamente. Surgia um barraco aqui, outro ali, cada morador se instalava por contra própria e, aos poucos, se formavam as favelas.

Aquelas cem famílias tinham esperado muito tempo para poder sonhar sob o próprio teto. Muitas delas tinham chegado do interior de Santa Catarina, há quinze, vinte anos — quando as velhas casas açorianas da Ilha começaram a ser demolidas para dar lugar aos grandes edifícios —. O pedreiro Atílio, por exemplo, veio de Chapecó. Desde 1972, constrói “casas, mansões e prédios na Ilha. De-



Fotos: Geraldo Hofmann e Jacques Mick

Sem-teto constroem pequenos casebres numa área da COHAB. É a primeira invasão de terra urbana em Santa Catarina

pa, fogões antigos, botijões de gás, louças queimadas, gatos e cachorros vira-latas, um monte de tralhas que mais tarde tomaria forma nos casebres.

O vaivém de silhuetas era cada vez mais intenso na noite. Chegavam de vários pontos da Capital, da casa de parentes onde se amontoavam há anos. O gari Derci tinha sido despejado de uma casa alugada na Costeira. O dono tinha destelhado a casa para que ele não voltasse. A faxineira Rosane, de 18 anos, com uma menina de nove meses nos braços, vinha de um cortiço da Rua Conselheiro Mafra. Tem gente que dá uma risadinha maliciosa quando se fala dessa “rua das prostitutas”, mas ali moram também faxineiras, pedreiros, vendedores ambulantes, vigias...

Veio a notícia de que um sem-teto tinha adormecido e caído na fogueira, enquanto esperava o caminhão de mudança. Foi parar no hospital e quando voltou a si deixou os médicos perturbados. “Tenho que ir pra ocupação, senão não ganho meu pedacinho de terra”, gritava. Era uma baixa, mas não poderia deter aquele exército que lutava contra o frio, a noite e a lama e erguia os primeiros barracos de lona para abrigar os filhos. Vencidos pelo cansaço, alguns deles adormeciam ao relento, embotados sob lonas e esteiras.

De manhã, uma fina camada de geada cobria parte do acampamento, como o pó de farinha que embranquece os telhados dos engenhos nesses tempos de safra. Antes de clarear o dia, acenderam pequenas fogueiras e o vapor que saía da boca dos meninos misturava-se à fumaça. Moradores do Conjunto Habitacional acordavam de sobressalto com o ronco dos caminhões que traziam os novos vizinhos.

Quando amanheceu, via-se as primeiras casinhas de madeira. Mesmo os que não eram carpinteiros ajudavam a acelerar a construção como se a nova favela tivesse hora marcada para ser inaugurada. Mulheres estendiam cordas para secar as roupas e preparavam o café no fogo de chão. Via-se agora os limites de cada terreno, indicados por tiras de roupas velhas e fitas que se usa para enfeitar presentes. As crianças se enturmavam e aproveitavam a geografia acidentada do terreno para inventar novas brincadeiras. Pescavam lixo nas valas cheias d'água, abertas pela COHAB para impedir a ocupação.

Foi um domingo de muito trabalho, mas “dá gosto trabalhar no que é da gente”. Houve bate-bocas entre os moradores do Conjunto Habitacional. pois que os donos entravam, eu continuava lá, no meu barraco de zinco na favela”.



Monte de tralhas, aos poucos, toma forma de casebres

“Eu acho justo. Tem que ocupar mesmo. O governo não dá casa pra essa gente mesmo”, disse um homem barbigudo e meio careca. “Essa favela vai desvalorizar meu apartamento. Já roubaram as cordinhas do meu varal”, esbravejava uma mulher que veio pra dentro do acampamento vestindo um roupão que se usa dentro de casa.

A Polícia Militar patrulhava o acampamento sem ensaiar qualquer gesto de repressão contra os que plantavam seus barracos na terra vermelha. A bateria de martelos só foi interrompida, perto do meio-dia, quando apareceu uma equipe de TV. Houve corre-corre. A repórter queria saber onde estavam as lideranças, mas as lideranças continuavam trabalhando. Diziam que não havia líderes, que todos os que estavam ali vinham se reunindo nas estradas, debaixo de viadutos até fazerem a ocupação. “E vocês vão ficar aqui? Mas essa terra é da COHAB”, repetia a jornalista, como se a terra fosse dela. Alguns homens ficaram indignados com os trejeitos inquisidores da repórter. Nenhuma autoridade apareceu para conversar com os ocupantes.

A noite, eles se reuniram junto a uma cruz de madeira plantada no meio do lote reservado à casa comunitária. O leiteiro “CASA COMUNITÁRIA” já estava pronto. Só faltava a casa. Rezaam sob um céu estrelado. amarraram um lenço branco na cruz. Os olhos de um casal de cabelos brancos como a geada da manhã, brilhavam à luz das velas e de uma lâmpada pendurada na cruz. Os olhos do pedreiro Atílio — aquele que veio de Chapecó — também brilhavam. Ele lembrava o dia em que uma kombi se desgovernou na Via Expressa e caiu em cima da casa do vizinho. A mulher desse vizinho foi levada às pressas para a maternidade e pariu um filho de sete meses. E, assim, cada um lembrava os perigos e humilhações porque passaram até entrar na “terra prometida” a outros mil e tantos sem-teto que esperam nas filas da COHAB. Com as mãos manchadas de barro, repartiram entre si dois pães caseiros. Com este sinal, “seu” Atílio e sua mulher junto a outros casais, abraçados, selaram o compromisso de conjugar o segundo verbo que aparece no lema dos Sem Teto: ocupar, resistir e construir.

No dia seguinte, a batalha passaria do terreno baldio para os gabinetes do governo. Começava a luta por água e luz. Com a timidez dos pobres que chegam à casa dos ricos, entraram no Palácio Santa Catarina. O governador prometeu quatro bicas d'água, que deviam servir para os ocupantes e a mais 600 famílias que moram na favela ao lado, o Pasto do Gado. “Luz, vocês podem esperar. Eu vi 31 anos sem luz elétrica”, disse o governador, que ainda não visitou a ocupação, mas acha que é muita terra para pouca gente. Quer engaiolar ali 1.400 famílias num novo Conjunto Habitacional.

Roteiro

Cinema do CIC

De 17 a 21 de outubro, o cinema do CIC exibe, sempre às 19:30 horas, o filme **"Minha Pequena Aldeia"**, a comédia tcheca indicada para o Oscar do melhor filme estrangeiro de 87. A exibição deste filme visa a obtenção de recursos para a realização do Congresso Nacional de Professores de Francês em Florianópolis, que será realizado em 28 de fevereiro de 91.

A promoção é da Embaixada da Tchecoslováquia em Brasília.

A programação segue com o filme **"O Cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante"**, sempre às 21 horas. O filme é uma polêmica direção do inglês Peter Greenaway, construída em três atos e um prólogo, desenvolvendo-se num período de dez dias sob o simbolismo das cores e baseada no número sete.

E numa promoção do Instituto Goethe de São Paulo e Aliança Francesa de Florianópolis, de 24 a 26 de outubro, às 19:30 horas, será exibido o filme alemão, **"Celeste"**, do diretor Percy Adlon. No dia 27, outra obra do mesmo diretor, **"Bagdá e Café"**.

Museu de Arte de Santa Catarina

Em outubro, o MASC (Museu de Arte de Santa Catarina), apresenta os trabalhos de cinco artistas, com destaque para o Rio Grande do Sul e Paraná.

Paulina Laks apresenta suas pinturas e litografias ao lado de José Francisco Alves, Gaudêncio Fidelis, Paulo Roberto de Christo e Cyntia Lorenzo que trabalham com esculturas.

A exposição inaugurada no dia 11 permanecerá até o dia 4 de novembro, de segunda a sexta, das 9 às 12 horas e das 13 às 21 horas. E nos sábados, domingos e feriados, das 17 às 22 horas.

Museu de Antropologia da UFSC

Durante todo o mês de outubro a sala de exposição

temporária do museu de Antropologia da UFSC apresentará duas mostras, **"Os Bororo - quando a vida passa pela morte"** (veja o destaque nesta página) e **"Tramas"**. Tramas expõe tecidos de Luiz Costa com esculturas de Franklin Cascaes.

Galeria de artes da UFSC

Estreou no dia 16, terça-feira, a exposição de artes e artesanato dos funcionários da UFSC, que vai até o dia 4 de novembro.

Teatro da UFSC

Integrando a mostra de cinema e literatura, serão exibidos os filmes: *O Jovem Torless*, *O Pesso Falso* e *Effi Briest*, O cavaleiro do cavalo branco e o Abuso das cartas de amor. Os filmes vieram através de um convênio do Departamento artístico-cultural da UFSC com o instituto Goethe.

Aterro da Baía Sul

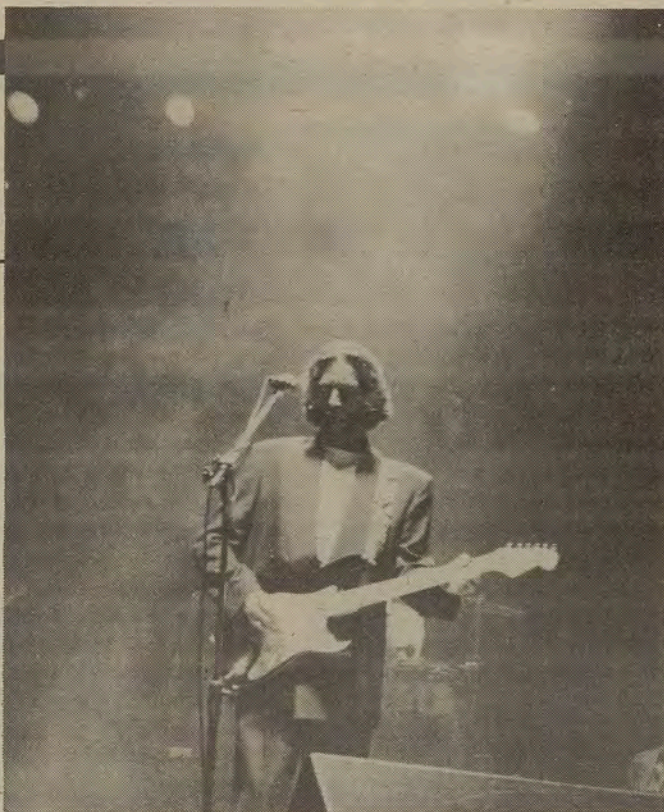
Num pavilhão de lona próximo ao mercado público você poderá assistir ao 3º batismo de Capoeira Palmares Sul, no dia 20 de outubro às 9:30 horas.

Cursos em Outubro

Dia 16 teve início o laboratório experimental de **Teatro de Animação** que continua em funcionamento até novembro. O laboratório parte da experimentação das diversas formas, linguagens e técnicas, utilizadas no processo de criação de bonecos, máscaras e sombras, através das etapas que levam a realização de uma prática teatral.

A Oficina de Arte do Masc promove também um curso de **escultura em bronze**, que teve início no dia 17 e vai até o dia 26 de outubro e conta com a orientação de José Luiz Kinceler e Rafael João Rodrigues.

E de 16 de outubro a 16 de novembro, o CIC promove um curso de **interpretação para vídeo**. Os orientadores são Lauro Goes (diretor de cena) e Ronaldo dos Anjos (diretor de imagem).



Alessandra Meinicke

NÓS CHAMAMOS A TUDO ISSO DE BLUES

Cláudia Repsold

Se a perfeição existe, o herói da guitarra Erica Clapton a encontrou, porque perfeito é o mínimo que se pode dizer do show do despretençioso "god of guitar", que levou ao êxtase mais de 25 mil pessoas na noite de sábado no estádio Orlando Scarpelli.

Quando o mágico do blues subiu ao palco e tocou os primeiros acordes de "Pretending", som que abriu o show, a galera já estava delirando. Nem a chuva foi capaz de esfriar os ânimos da moçada, que dançou, cantou e vibrou ao som de "I shot the sheriff" (numa versão mais lenta), "Running on Faith", "Layla", "No Allibis" e, obviamente, "Cocaine".

A impressão que se tinha é que esse mágico da guitarra tinha saído de algum lugar além de nossa imaginação. Ele cantou um blues cheio de toques sensuais, irresistível às nossas emoções de pobres mortais. Detonou solos na sua Fender Stratocaster (a guitarra das feras) com tanta concentração que chegou a ficar de costas para a moçada. Não tomem isso como um desrespeito ao público, mas sim como um mago viajando no seu som. Tudo é apenas uma questão de integração total entre Clapton e a sua guitarra que chega a fumar junto com ele alguns dos seus trinta cigarros diários.

Mas é claro que não se pode falar de Eric Clapton sem falar de sua banda, formada por inquestionáveis alquimistas da música. Começando pela sensualidade transparente

das back vocals Katie Kisson e Tessa Niles. A precisão da guitarra de Phil Palmer. Os solos alucinantes do baixo de Natham East. A sutileza do teclado de Greg Philiganes. O compasso bem marcado da bateria de Steve Ferrone e, para fechar, a percussão muito louca de Ray Cooper. Mas este último é um show à parte. Cooper não só tocou divinamente, como deu solos de percussão, tocou um samba meio funk, fez a moçada cantar junto com ele, levando a galera à apoteose. É, realmente este meio velho, meio louco, meio cego foi mais um show no show de Eric Clapton.

Não faltou nada no estádio Orlando Scarpelli. Um som potente, dois telões nas laterais do palco, gente interada e um toque sutil das drogas, que se tornou mais explícito quando rolou o som "Cocaine". Seria legal alguém dizer que "Cocaine" é um hino anti-drogas e não o contrário, como possa parecer.

Não houve ninguém que não saísse do estádio com a impressão de que viu um grandioso encontro das grandes feras da música. Sendo assim, o que nós, seres comuns, podemos dizer aos deuses senão um emocionado agradecimento pela sua presença? E talvez os fogos de artifício soltados no final do show fossem uma espécie de reverência a esse mágico da guitarra, a esse percussionista divinamente estranho, a essa banda nota dez, a tudo isso que nós chamamos de blues, a raiz dessa viagem que é o rock and roll.

Tangos e Tragédias

Rosane Porto

Por duas noites Florianópolis virou a Esbórnia do Sul, uma ilha itinerante, desgarrada do continente, que navegando pelo mundo acabou como uma lixeira cultural. Mas ninguém percebeu, exceto quem estava dentro do Centro Integrado de Cultura deitando e rolando ao som do **Tangos e Tragédias**. Rolando de rir do jeito irreverente de Nico Nicolaiewsky e Hique Gomes, os dois de Porto Alegre, onde há seis anos iniciaram uma carreira de músicos que virou o Rio Grande do Sul quase inteiro de pernas para o ar. Foi na Esbórnia do Sul (localizada num mapa imaginário), que nasceram o violinista Kraunus (Hique) e o maestro acordionista Plets-kaya (Nico), personagens que já arrancaram gargalhadas de gaúchos, paulistas, mineiros e cariocas.

E a platéia catarinense teve estes personagens por um final de semana pela primeira vez. O show do Tangos e Tragédias foi despojado e repetiu a dose de sucesso anterior. Sem cenário, com apenas luz e som acústico, Nico e Hique surgiram no palco dispostos a trazer diversão. Um contrassenso se levar em conta o repertório com algumas letras de Alvarenga e Ranchinho e Vicente Celestino, a história das caveiras que se amavam e o "Ebriô". Mas tudo acaba em pizza, melhor em pastelão. Com uma boa dose de humor, os dois acabaram transformando o tango em samba e a tragédia em comédia.

O show é uma mistura de música com teatro, que fica por conta das caras e bocas de Nico e principalmente Hique, com a papada dos olhos escurecidas e os cabelos compridos que imitam vampiro: Kraunus é amargo, violinista exótico, cansado dos delírios proféticos. O maestro Plets-kaya é um homem sofrido, atordoado pelos amores frustrados. E foi da tristeza, da amargura dos dois que a platéia se divertiu. Depois de uma hora em palco, os dois acabam voltando com um bis pré-combinado com o público para o desfecho que vem com a dança do Copérnico, aquela que "você não pode mexer com as pernas e nem com as mãos", a dança da Esbórnia. Quem foi ao CIC viu e não me deixa mentir. Da próxima vez que o **Tangos e Tragédias** estiver em Florianópolis, vale a pena viajar pela Esbórnia, que do palco acaba na porta do teatro, com os dois músicos do tamanho do público, cara a cara, com acordeão e violino, por pelo menos mais meia hora.

Depois de 32 anos,
mais uma estréia de
um filme catarinense

"Manhã", a aventura

Nilva Bianco

"Uma noite hollywoodiana, com atores desfilando pelo palco, sob a luz de refletores". Essa é a imagem que o escritor Salim Miguel guarda da estréia de "O Preço da Ilusão", há 32 anos, no Cine São José. Apesar de dispensar o glamour, a pré-estréia do curta-metragem "Manhã", de Zeca Nunes Pires e Norberto Depizzolatti, representa uma retomada do que foi iniciado pelo Grupo Sul: o cinema catarinense em 35mm.

Em 1958, a iniciativa do Grupo Sul foi uma aventura de escritores no mundo audiovisual. "Só havia uma ou duas pessoas que já haviam visto uma câmera na vida, os demais eram apenas encharcados de teoria", lembra Salim Miguel. "Manhã", por sua vez, é uma tentativa de dar continuidade e profissionalização ao cinema catarinense. Além dos erros, acertos, experiência e amadorismo, existe muito mais por trás dos 10 minutos e 20 segundos do filme. É a tentativa de se criar uma equipe de cinema no estado, reunindo desde atores até técnicos, visando a

transformação da obra em um laboratório de aprendizado e aprimoramento. Sem teorias ou cursos disponíveis, a solução é a prática.

Felicidades — O curta "Manhã" teve origem quando Zeca Nunes Pires leu "A Morte do Leiteiro", de Carlos Drummond de Andrade, e "viu um filme no poema". Em 1987, o roteiro, adaptado por Tabajara Ruas, foi enviado ao poeta e recebeu a seguinte resposta: "...Fico torcendo para que realize o projeto e ele seja bem sucedido. Felicidades". Foram várias interrupções até que, em 1989, junto com Norberto Depizzolatti, Zeca Pires começou a efetivar o projeto, com o apoio da UFSC e de empresas locais. Anitápolis foi o palco para oito dias de filmagem, escolhido pela beleza de sua localização, próxima ao planalto catarinense. Apesar da maior parte da equipe ser local e inexperiente, o filme acabou saindo.

Valorizando experiências como essa, surge o projeto de um núcleo de cinema, integrado à Cinemateca, com autonomia técnica para a realização de novas obras. A estrutura desse núcleo está baseada nas pessoas interessadas em fazer cine-



A luta pela profissionalização passou por Anitápolis

ma, bem como nos equipamentos, que começam a ser adquiridos com verba do Funcine (arrecadação de 5% sobre a renda das bilheterias, realizada pela Secretaria de Cultura e repassada à Cinemateca). O núcleo, que já possui equipamento de luz, em breve vai adquirir também um equipamento de som.

Na opinião de Zeca e Norberto, apesar das tentativas em 16mm, durante muito tempo não se fez cinema em Santa Catarina devido à falta de apoio, e até mesmo de insistência dos artistas, sendo os anos 70 os mais representativos dessa situação no estado. Atualmente, não são poucos os que canalizam sua vocação cinematográfica através do vídeo, em virtude da maior facilidade de operação e pela própria falta de oportunidades de aprendi-

zado em cinema. Na carência de um curso apropriado, o curso de Jornalismo da UFSC acaba recebendo futuros cineastas, como foi o caso de Norberto e Zeca e, atualmente, de Chico Faganello, que está dirigindo um média-metragem em 16mm. Apesar disso, ainda não é possível comparar a instantaneidade do vídeo com a elaboração do cinema.

Ainda esse ano, "Manhã" deve passar por grandes provas qualitativas. Está inscrito para o Festival de Brasília, em outubro, e para o Rio Cine-Festival e Mostra Internacional Mário Santos, em novembro. A partir daí, será distribuído pelas Organizações Mário Santos nos três estados do sul e só então enfrentará a maior prova para sua aceitação: o grande público.

Um jornal de jornalistas

Le Monde, a cooperativa que deu certo

Ana Cláudia Menezes

O jornal francês "Le Monde" elegeu no último dia 29 o seu 4º diretor, o ex-redator chefe Daniel Vernet, que deve dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelo diretor anterior, André Fontaine. A eleição, que teve a participação direta de 300 jornalistas e colaboradores do jornal, é feita desde 1951, quando o jornal enfrentou a sua primeira crise.

Nesta ocasião, foi criada a primeira cooperativa dos jornalistas, conhecida na época como "sociedade dos redatores", em que os trabalhadores do "Le Monde" tornaram-se acionistas.

Para Jean Locouture, ex-jornalista e historiador francês, "o resultado é positivo". Ele esteve na UFSC na quinta-feira, dia 4, proferindo palestra sobre a vida e a carreira política do general Charles de Gaulle.

Jean Locouture foi articulista do "Le Monde" durante 20 anos, completados em 1970 quando se desligou do jornal para se dedicar à pesquisa. Acabou escrevendo 33 livros. Andou por países africanos e achou que o texto de jornal era muito curto para que ele pudesse descrevê-los. "Como vou explicar o que

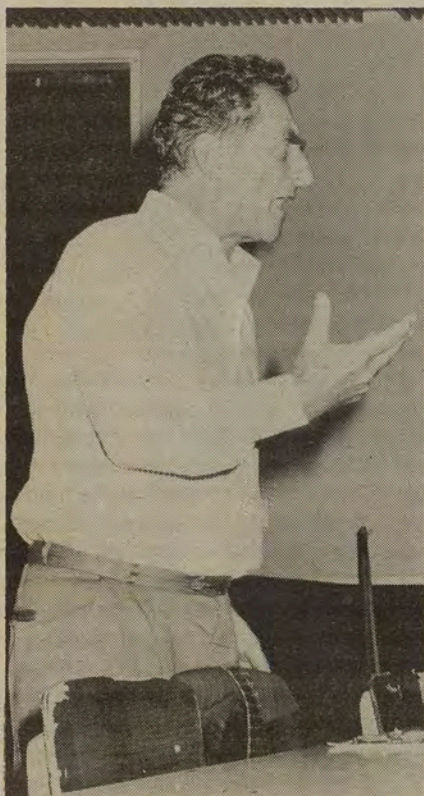
se passa no Brasil em cem linhas?". A resposta veio nos livros e na série de conferências que vem dando em universidades européias e americanas.

O "Le Monde", que vendeu 382 mil exemplares diários em 1989, é um dos jornais que mais dispara críticas contra o presidente François Mitterrand. Mas nem sempre foi assim. Em 1981, quando Mitterrand foi eleito pela primeira vez, o jornal apoiou a plataforma socialista do então novo governo. Nessa época, o "Le Monde" foi acusado de distanciar-se da sua posição crítica e de independência, perdendo partes de seus leitores. Mesmo assim, um dia após a vitória de Mitterrand, o jornal vendeu mais de um milhão de exemplares.

O engajamento político sempre conviveu nas páginas do "Le Monde". O primeiro exemplar foi lançado em 18 de dezembro de 1944, incentivado pelo general De Gaulle, que queria um jornal de importância estratégica internacional. O fundador, Hubert Beuve-Méry, morto no ano passado, dirigiu o jornal até 1969, onde escreveu artigos defendendo a independência da Argélia.

Bouve-Méry ficou no comando até oito meses depois de De Gaulle ter deixado o poder. Além da crise sofrida pelo "Le Monde" em 1951, uma outra, em 79, fez o jornal perder 600 mil leitores em seis anos, além de dar um prejuízo perto de US\$ 20 milhões. No meio de toda a crise, foram realizadas sete eleições internas para a direção do jornal, entre 1980 e 1982. Em 1985, o jornal se reergue, aumentando a sua tiragem e publicidade, mas tendo que demitir pessoal e aumentar o número de acionistas.

Hoje, o "Le Monde" figura em quinto lugar no ranking dos jornais mais vendidos na França, mas mantém fama e prestígio. Para trocar de sede em maio deste ano, o jornal aumentou o preço do exemplar dos tradicionais 4,50 francos para 5 francos. Depois de 45 anos funcionando num antigo prédio perto da Ópera, o "Le Monde" se instalou confortavelmente numa moderna sede no bairro de Montparnasse, em Paris. A mudança foi proposital para coincidir com a compra de uma nova impressora, em setembro do ano passado, e com a reforma tecnológica pretendida pelo "Le Monde".



Jean Locouture, na UFSC

**O nó formado pela indigesta
combinação de votos brancos com
votos conservadores desafia o país**

COLLOR SAI FORTALECIDO E SEM SUSTOS

Pedro Saraiva

Com as apurações oficiais chegando ao seu final, os resultados das eleições de 3 de outubro aparecem por completo. São 27 estados escolhendo seus governadores e elegendo 31 senadores, 503 deputados federais e 969 deputados estaduais. Junto com os nomes dos vitoriosos, os votos do dia 3 mostram quem é quem na política brasileira e acabam por fortalecer ou destruir os sonhos de possíveis presidenciáveis para 94. E um dos maiores interessados neste processo é o atual presidente Fernando Collor.

Curiosamente, apesar de Collor ter oficialmente mantido a posição de não participar diretamente nas eleições, o único governador já eleito que, faz abertamente oposição ao governo federal é Leonel Brizola, no Rio de Janeiro. Nos outros dez estados em que com certeza, não haverá segundo turno, todos os eleitos apóiam Collor ou, pelo menos, transitam sem maiores percalços pelo Planalto.

Mesmo nos onze estados em que o equilíbrio entre os candidatos exige uma nova eleição, o governo federal não está mal: em cinco deles o presidente é apoiado pelos dois candidatos que disputarão o segundo turno no dia 25 de novembro. Alagoas, de onde Collor decolou para Brasília, exemplifica bem esta situação. Lá, os candidatos que voltarão às urnas no dia 25 são Renan Calheiros (PRN), o ex-líder do governo na Câmara Federal, e Geraldo Bulhões (PSC), o candidato da primeira-dama Rosane Collor - Ambos amigos de juventude do presidente e colírios de primeira hora nas eleições presidenciais de 89. As brigas que estão acontecendo em Alagoas, com Calheiros acusando Bulhões de fraudar as eleições e responsabilizando o tesoureiro da campanha presidencial de Collor, Paulo Cesar de Farias, pela articulação da "fraude", não são absolutamente brigas ideológicas. Antes pelo contrário, Calheiros e Bulhões disputam a posição de "preferido" de Collor.

Aparentemente, os ocupantes do Palácio do Planalto deveriam estar dando risadas, no entanto as urnas deixaram dois problemas para o presidente Collor. Primeiro porque entre os poucos lugares em que vai haver uma disputa acirrada com a oposição no segun-

do turno, estão alguns estados estratégicos, como Paraná, Rio Grande do Sul e principalmente São Paulo - sem falar na vitória de Brizola no Rio. Segundo, porque mesmo dentro as hostes governistas Collor terá que lidar com a ambição de líderes regionais que têm idéias próprias sobre quem deve subir a rampa do Planalto em 94, como o ainda candidato Hélio Garcia em Minas e o virtual governador Antônio Carlos Magalhães na Bahia - sem falar do incansável Paulo Maluf.

Aliás, é justamente em São Paulo que Collor terá a batalha mais árdua no segundo turno. Mesmo porque São Paulo foi o estado responsável pela única declaração de apoio explícito de Collor, quando o presidente manifestou publicamente sua preferência por Paulo Maluf. Mas, principalmente, porque lá Maluf enfrentará Fleury, o candidato de Quêrcia. E Quêrcia é uma das poucas lideranças oposicionista que ainda assusta o Planalto. Não sem razão: deixando o governo de São Paulo com um índice de aprovação popular de 50%, Quêrcia conseguiu levar seu afilhado político, Luiz Antônio Fleury, do quase anonimato às proximidades do Palácio Bandeirantes. E no caminho esmagou as pretensões do tucano Mário Covas ao governo de São Paulo e à presidência da República.

Diga-se de passagem que o PSDB é um dos partidos que mais chora o resultado das urnas. Em São Paulo seu candidato Mário Covas sequer passou para o segundo turno. Em Minas Gerais os tucanos utilizam cálculo avançado para dizer que ainda há esperanças de que Pimenta da Veiga ultrapasse Hélio Costa (PRN) e conquiste uma vaga para o segundo turno. Mas pelas projeções feitas com os votos que o Tribunal Regional Eleitoral de Minas já apurou, é muito provável que o segundo turno seja disputado entre Hélio Garcia (PRS) e Hélio Costa. Assim, dois líderes tucanos que planejavam voar alto foram abatidos em plena decolagem, justamente nos dois maiores colégios eleitorais do país.

Também no Paraná o PSDB sofreu uma derrota humilhante. Seu candidato, o senador José Richa, no início da campanha era tido como favorito absoluto para chegar ao governo do estado. Na reta final da disputa, Richa descobriu que ia ter que assistir ao segundo tempo fora do campo: no dia 25 de novembro os paranaenses escolherão se querem Roberto Requião (PMDB) ou José Carlos Martinez (PRN) como governador. Junto com Richa afunda outro conhecido peesdebista, o candidato a vice e ex-líder do PSDB na Câmara, Euclides Scalco, que agora fica sem mandato.

Em Santa Catarina o senador tucano Dirceu Carneiro ficou em quarto lugar. Não ganhou sequer em Lages,

cidade na qual foi prefeito e fez uma gestão considerada impecável. Mas isto não foi surpresa, aliás, não houve surpresas no 3 de outubro catarinense: Kleinübing governador, Esperidião Amin no Senado e Ângela Amin deputada federal mais votada. As oligarquias catarinenses derrotadas nas eleições de 86 voltam ao poder a partir de 91. Na verdade, o retorno ao governo das oligarquias regionais, com seus coronéis e famílias tradicionais, não é um privilégio catarinense - está aí o "Toninho Malvadeza" para confirmar.

Quanto ao PT, o partido teve o desempenho previsto pelo seu presidente Luís Inácio Lula da Silva. Dias antes das eleições Lula afirmava: "O PT terá seu pior desempenho eleitoral desde sua fundação". De fato, apesar de aumentar sua bancada na Câmara Federal de 17 para 30 deputados (de acordo com projeções) e de eleger o paulista Eduardo Suplicy para o Senado, o partido que chegou ao segundo turno das eleições presidenciais não conseguiu se firmar como o líder mais forte da oposição ao governo Collor. E o PT paulista ainda teve o desprazer de assistir o candidato Paulo Maluf em primeiro lugar nas urnas do ABC paulista.

Se houve perdedores, houve ganhadores. Como disse o comentarista político Carlos Chagas, mesmo com os eventuais problemas que o Planalto venha a ter em São Paulo e em outros estados-chaves para a definição do quadro político nacional, "certamente o vencedor destas eleições foi o PFC, Partido do Fernando Collor". A mais nova versão do Arenão, Centrão e outros partidos do poder, que já são velhos conhecidos da rotina política brasileira.

AVALANCHE CONSERVADORA TAMBÉM EM SC

Jeanine K. Bellini

As eleições de 3 de outubro demonstraram a insatisfação popular diante do panorama atual. Com um percentual muito grande de votos brancos e nulos, elas serviram de alerta: algo não vai bem com a democracia brasileira. Em Santa Catarina a maior prova de que o povo cansou de acreditar em palavras de políticos foi o baixo número de deputados reeleitos. Entre os 23 candidatos a reeleição para a Assembleia Legislativa apenas 13 garantiram sua vaga.

Parece que o eleitorado decepcionou-se com a atuação de alguns deputados e resolveu dar um basta. Nomes como Iraí Zílio, Neuzildo Fernandes, José Bel, Vânio de Oliveira, Jorge Gonçalves da Silva, João Gaspar da Rosa, José Luís Cunha, Raulino Rosskamp e João Romário Carvalho terão que se conformar com a decisão do povo e trabalhar para garantirem suas vagas nas próximas eleições. Até mesmo o presidente da Assembleia, deputado Aloísio Piazza, não foi reeleito.

Mas o apoio popular ficou mesmo com os 13 deputados estaduais que ficaram por mais quatro anos em suas cadeiras. Destes reeleitos, a União por Santa Catarina elegeu oito: Pedro Bitencourt Neto, Wilson Wan Dall, Sidney Pacheco, Otávio dos Santos, Joaquim Lemos, Júlio Garcia, José Pedroso e Leodegar da Cunha Tiscoski. O PMDB recebeu o aval popular através de João Batista Matos, Rivaldo Macari e Lírio Rosso. Mas quem continua com seu eleitorado fiel, mesmo com as mudanças de partido, são os deputados Mário Roberto Cavallazzi e Ivan Ranzolin eleitos pela coligação Nova Santa Catarina, PRN-PTR.

O que realmente surpreendeu foi a reeleição de quatro candidatos do PMDB. Luiz Henrique da Silveira, Neuto de Conto, Renato Vianna e Eduardo Pinho Moreira vão continuar em Brasília ocupando suas cadeiras na Câmara Federal. Outro que continua por lá é o deputado Roberval Pilotto, reeleito pela União.

Todos estes deputados farão companhia aos recém-eleitos. São 11 novos deputados federais, que estão junto aos cinco reeleitos.

E para trabalharem junto com os 13 estaduais foram eleitos 27 novos deputados.

Para a Câmara Federal Angela Amim, César Souza, e Paulo Bauer, os três candidatos mais votados, foram eleitos pela União, juntamente com os outros seis candidatos. O PMDB elegeu cinco, sendo que o mais votado do partido foi o deputado Luiz Henrique da Silveira. Para ocupar as duas vagas restantes ficaram os candidatos da Frente Popular, Luci Choinaski, do PT e Dércio Knopp, do PDT.

A União por Santa Catarina elegeu 19 deputados estaduais. Coincidentemente em 1986, os três principais partidos dessa coligação elegeram seus candidatos que somados, também preencheram 19 vagas na Assembleia. Entre os mais votados em 1990 estão Reno Luiz Caramori e Witich Freitag. O PMDB, que em 1986 igualou-se ao número de vagas dos partidos hoje correspondentes à União, este ano preencheu somente 11 vagas. A Frente Popular elegeu seis deputados, o PRN três e o PSDB ocupou apenas uma das vagas na Assembleia Legislativa.